

Escola Moderna

N.º 8 • 6.ª série • 2020



PROPRIEDADE

Movimento da Escola Moderna

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Francisco Grandela, n.º 7 – loja A – 1500-284 Lisboa

Tel. 218 680 359

e-mail: secretariado.mem@escolamoderna.pt

site: www.movimentoescolamoderna.pt

DIRETOR

Sérgio Niza

COORDENAÇÃO

Francisco Marcelino Pereira

REDAÇÃO

Clara Felgueiras; Clara Rolo; Graça Vilhena; Inácia Santana;

Ivone Niza; Joaquim Segura; Júlio Pires;

Manuela Castro Neves; Pascal Paulus

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

IDG - Imagem Digital Gráfica, Lda.

Tiragem: 1500 Exemplares

Periodicidade: anual

Depósito Legal 107 975/81

ISSN 2182-987X

PVP - 12 €

Os artigos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores. Os trabalhos publicados na ESCOLA MODERNA podem, em princípio, ser transcritos noutras publicações desde que se indique a sua origem e autoria. No entanto, é preciso um pedido de autorização para cada caso.

Índice

7	Editorial	<i>Sérgio Niza</i>
9	Porque gosto do MEM	<i>Jorge Ramos do Ó</i>
21	Cartografias infantis: entre o espanto e a criação de outros mundos possíveis	<i>Tiago Almeida e Selma Damásio</i>
29	A escrita no pré-escolar	<i>Joana Ortigão Fernandes</i>
39	Das múltiplas vozes partilhadas à ação	<i>Marta Lanhoso e Selma Damásio</i>
49	A construção cooperada da aprendizagem matemática: Desafios que emergem numa sala de jardim de infância	<i>Susana Barbosa</i>
65	A Escrita, esse processo – na Educação Pré-escolar. Uma reflexão...	<i>Isabel Reis</i>
77	Aprender a pensar em conjunto	<i>Marta Lanhoso e Vera Bispo</i>
89	O trabalho por projetos e a construção social da aprendizagem	<i>Marta Louseiro</i>
99	O Jornal escolar– um produto cultural impulsor do sentido social da escrita	<i>Esmeralda Raminhos</i>
113	A diferenciação pedagógica na sala de aula	<i>Luís Mestre</i>

119		
Acompanhar a distância quem aprende		<i>Dora Agostinho, Marta Comparada, Helena Menor</i>
Um interlúdio de desafio complexo		<i>e Pascal Paulus</i>
129		
Os desafios de uma interlocução à distância		<i>Joana Filipe</i>
139		
Contributos para uma cultura digital		<i>Maria de Jesus R. Pinto G. Fernandes</i>
na construção das aprendizagens		
153		
Prova de Aferição: para que te quero?		<i>Délia Fagundes</i>
159		
Em tempo de E@D, que avaliação?		<i>Helena Moreira</i>
161		
Um processo a muitas vozes		<i>Alexandra Barreto</i>

A terceira revolução pedagógica

Sérgio Niza

Assim como os instrumentos de trabalho mudam historicamente, os instrumentos do pensamento também se transformam historicamente. E assim como novos instrumentos de trabalho dão origem a novas estruturas sociais, novos instrumentos do pensamento dão origem a novas estruturas mentais.

Tradicionalmente, pensa-se que coisas como a família e o Estado sempre tenham existido mais ou menos da forma atual. Da mesma maneira tende-se a encarar as estruturas da mente como algo universal e eterno. Para Vygotsky, todavia, tanto as estruturas sociais como as estruturas mentais têm de facto raízes históricas muito definidas, sendo produtos bem específicos de níveis determinados do desenvolvimento dos instrumentos (Edvard Berg, 1970, p. 45-46).

Podemos dizer com Michel Serres (2012) que a pedagogia mudou pelo menos três vezes ao longo da história do ocidente. Com a estabilização da escrita alfabética os gregos inventaram a *paideia*. Com a invenção da impressora de Gutenberg, na Renascença, multiplicaram-se os tratados de pedagogia e emerge o reino do livro. Da mesma forma as novas tecnologias digitais, em expansão mundial, vão forçando a pedagogia a reinventar-se tal como vem transformando aceleradamente o mundo do trabalho, a economia e a vida social.

Com efeito, quando os instrumentos e as estruturas materiais e psicológicas de organização do trabalho humano mudam, nessa mudança transformam-se com ela os próprios autores seus usuários.

Mudam, é claro, as próprias formas de apropriação dos saberes.

A exaustão a que a escola atual chegou é o sinal mais evidente da sua inevitável decadência por recusar-se a integrar em si as manifestações da revolução digital irrecusável.

Quando os líderes empresariais e os economistas se apoiam na Academia para anunciarem a nova sociedade da informação ou do conhecimento querem avisar-nos de que o trabalho atual integra na sua composição cada vez mais saberes escolares e conhecimento científico. Pressionam-nos para que assumamos na escola essa missão nebulosa, mas também libertadora.

Temos dado no MEM especial visibilidade e uso à comunicação oral e escrita fundadas no diálogo, enquanto intermediários (mediadores) na construção conjunta das aprendizagens curriculares nas escolas onde trabalhamos.

Temos consciência de quanto a fala, a par do jogo e do desenho, nos ajudam na educação a fazer avançar a representação do mundo e da vida dos nossos educandos.

A escrita, meio de representação de segundo nível, isto é, instrumento de representação da fala, é um potente acelerador (enquanto *desenho da fala*) das funções superiores do desenvolvimento psicológico.

Com a fala e com a escrita, em atividade dialógica, vamos diariamente estimulando as aprendizagens que em cooperação se desenvolvem entre as crianças ou os jovens aos quais nos oferecemos como mediadores especializados em pedagogia.

Com a emergência das tecnologias que usam o sistema digital como operador e di-

fusor de texto, de imagens e de som, em conexão com outros dispositivos amplificadores da sua potência e dispondo de acessos qualificados à internet, a vida de todos mudou, mesmo para aqueles a quem tem sido negado o seu acesso.

Este terceiro nível instrumental de informação, comunicação e conhecimento, atuando em poderosas redes mundiais de interação, impõem à escola de hoje o seu uso regular enquanto ferramenta de aprendizagem curricular e de socialização democrática.

Uma vez passadas as situações de SOS que a pandemia viral provocou, com o encerramento das escolas e a implementação com urgência de um improvisado trabalho escolar *online*, o que nos impomos agora é o uso sistemático e quotidiano de meios digitais mediadores no trabalho de aprendizagem curricular e de socialização, reforçando as estruturas de cooperação que com os nossos alunos organizamos o trabalho curricular.

Nada disto tem a ver com conteúdos, programas e equipamentos informáticos com que poderosas empresas tecnológicas nacionais ou multinacionais invadem as escolas como terreiros de mercado.

Temos como princípio assente na nossa cultura pedagógica usar, no trabalho de aprendizagem, rigorosamente os mesmos instrumentos que as sociedades empregam correntemente e com decência, na resolução dos seus problemas na vida quotidiana.

É por isso que, segundo a recomendação da Unesco, preferimos usar os dispositivos móveis usuais, como os smartfone e os tablet,

na apropriação do conhecimento e na construção da cultura a partir da sala de aula para os mundos possíveis.

Com a fala, a produção escrita e o sistema digital construiremos, em conjunto, os saberes contratualizados e cooperativamente geridos, para que com todos de uma mesma turma ou grupo, possamos ir mais longe sem as promettidas e enganadoras “escolas do futuro”.

Temos um futuro projetado para nós e para os nossos educandos que vamos aprimorando a cada dia que passa, sem deslumbramentos consumistas, nem espetáculos tecnológicos, que infelizmente pretendem fascinar-nos, uma vez mais, com as mesmas estruturas oitocentistas da escola de massas, hoje com invólucros de luxo.

Uma coisa é certa: para que as crianças e os jovens com quem trabalhamos acedam aos equipamentos digitais de uso comum, é urgente que nos mobilizemos para que cada um dos nossos alunos possa deles dispor. Vamos, em conjunto, ser seus intermediários nessa conquista. Faz parte do direito a aprender: nada deverá ter de assistencial. Assim se afirmará a solidariedade, a justiça e a cidadania que nos edificam desde há muito.

Referências bibliográficas

- Berg, E. (1979). *L.S. Vygotsky theory of social and historical origins of consciousness*. Madison: Univ. Winsconsin.
- Serres, M. (2012). *Petite poucette*. Paris: Ed. Club France Loisirs.